

ARTIGOS LIVRES

DE VOLTA AO LULISMO: AVALIAÇÃO PESSOAL E CLASSES SOCIAIS

*BACK TO LULISMO: PERSONAL
APPROVAL AND SOCIAL CLASSES*

Gustavo César M. Ribeiro* 

* Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Ciência Política,
Belém, PA, Brasil.
E-mail: gustavo.cmr@gmail.com

RESUMO

O presente artigo revisita as análises feitas por Singer acerca das bases sociais do lulismo no Brasil. Especialmente, é aqui examinada a tese segundo a qual uma das características fundamentais daquele fenômeno político diz respeito à adesão do subproletariado à liderança de Luís Inácio Lula da Silva durante seus primeiros dois mandatos presidenciais. Para tanto, a partir dos dados do Latinobarómetro para o Brasil (2005–2010), é utilizada uma escala de avaliação do líder petista. Ademais, é formulada uma tipologia de classes ocupacionais, composta por três categorias – classes médias, classe trabalhadora e subproletariado. Com base em tais variáveis, são elaborados dados descritivos e modelos de regressão. O artigo demonstra que o subproletariado apresentou taxas mais elevadas de apoio a Lula ao longo de toda a série. Ademais, as associações entre classe e predileção por Lula mostraram-se estatisticamente significativas em três anos (2007, 2009 e 2010).

Palavras-chave: Lulismo; Classes Sociais; Avaliação Pessoal.

ABSTRACT

This article re-examines Singer's analysis on the social basis of Lulismo in Brazil. In particular, it examines the thesis that one of the fundamental characteristics of that political phenomenon relates to the support of the subproletariat for the leadership of Luís Inácio Lula da Silva during his first two presidential terms. For this purpose, based on Latinobarometer data for Brazil (2005–2010), a personal approval scale for that leader is used. Furthermore, a three-fold class schema is proposed, consisting of three categories – middle class, working class and subproletariat. Based on these variables, descriptive data and regression models are elaborated. The article shows that the subproletariat showed higher rates of support for Lula throughout the series. Furthermore, the associations between class and predilection for Lula were statistically significant in three years (2007, 2009 and 2010).

Keywords: Lulismo; Social Classes; Personal Approval

INTRODUÇÃO

Luís Inácio Lula da Silva é um daqueles líderes a merecer um substantivo, derivado de seu nome, que nomeia um fenômeno político – o lulismo. Contudo, ao contrário de congêneres, como o bolsonarismo (que ora se refere à ideologia dos seguidores do ex-presidente Jair Bolsonaro, ora designa as ações desses grupo como um movimento político) ou o getulismo (termo que se confunde com a identificação de Getúlio Vargas como populista), o conceito de lulismo tem, em sua gênese, um objetivo bem mais claro – o de caracterizar “[...] um fenômeno de representação de uma fração de classe [a subproletária] que, embora majoritária, não consegue construir desde baixo as suas próprias formas de organização” (SINGER, 2009, p. 84).

Portanto, na acepção original, expressa no artigo seminal de André Singer (2009), lulismo nada mais é do que a expressão, por parte de cidadãos inseridos no subproletariado (a fração mais precarizada socialmente da classe trabalhadora no Brasil), de suas preferências políticas por Lula. Certo é que Singer não foi o único a mobilizar a ideia de lulismo no âmbito das ciências sociais brasileiras (RICCI, 2006; OLIVEIRA, 2011). Da mesma forma, aquele autor, em publicações subsequentes, passou a adotar acepções mais latas e alheias ao sentido original do conceito, que o ajudaram a analisar desde o “reformismo fraco” dos primeiros governos Lula (SINGER, 2012) às crises que levaram à queda da ex-presidenta Dilma Rousseff (SINGER, 2018). Não obstante, foi a partir de seu sentido original, de cariz classista, que a abordagem conceitual de lulismo produzida por Singer se tornou difundida tanto em âmbito acadêmico quanto na esfera pública.

Não obstante, se, por um lado, deve-se reconhecer que, com base no conceito de lulismo, Singer elaborou uma ambiciosa análise de classe da política brasileira contemporânea, por outro, pode-se notar que suas principais teses sobre o caráter classista do lulismo carecem de verificação empírica. Especialmente devido à mobilização inadequada do conceito de subproletariado e à falta de ferramentas que mensurem o poder preditivo das classes sociais em relação ao lulismo. Não há em Singer – ou em autores que comentam sua obra a partir de lentes críticas (ZUCCO JUNIOR e SAMUELS, 2014) – respostas empiricamente fundamentadas ao questionamento fundamental que embasa o conceito: estar no subproletariado aumenta as chances de se tornar lulista?

É oportuno, no atual contexto político, retornar ao conceito de lulismo com vistas a avaliar seu caráter de classe. Lula é a figura central da política brasileira contemporânea. Desde 1989, pelo menos, a disputa política em âmbito nacional se dá com ou contra ele e seu Partido dos Trabalhadores. Tal centralidade, questionada na última década por múltiplas crises (que levaram desde à criação de um antipetismo radical no Brasil ao ilegal encarceramento do próprio Lula), foi revigorada desde a volta do líder petista às campanhas eleitorais presidenciais e seu consequente êxito na disputa contra Jair Bolsonaro, em 2022. No presente artigo, parte-se da premissa de que, antes de se avançar para a compreensão dos fatores explicativos das bases sociais do apoio popular a Lula nessa sua volta à ribalta política, deve-se revisar as teses sobre tal apoio durante seus dois primeiros termos como presidente da República.

Dessa forma, para testar empiricamente as teses sobre o caráter de classe do lulismo, são aqui utilizados dados do Latinobarómetro, em suas pesquisas para o Brasil realizadas entre 2005 e 2010. A partir disso, é elaborada uma tipologia de classes ocupacionais composta por três categorias – classes médias, classe trabalhadora e subproletariado. Somente com base no recurso a esse tipo de esquema é possível comparar adequadamente os níveis de adesão a Lula no interior de cada agrupamento de classes. Nesse caso, a adoção de proxies, como a renda ou posse de bens de consumo, traria uma limitação ao escopo das análises, uma vez que essas variáveis agregam, em suas categorias, posições de classes diferentes – não sendo possível, através delas, diferenciar subproletários dos demais tipos de trabalhadores, por exemplo. Ademais, aqui é adotada uma operacionalização do conceito de lulismo que se baseia numa escala de avaliação do ex-presidente Lula – o que marca uma diferença em relação aos escritos anteriores, que utilizam, principalmente, a escolha eleitoral para dar cabo de tal objetivo (SINGER, 2009, 2012; RENNÓ e CABELLO, 2010). De posse dessas variáveis, são aqui produzidas medidas descritivas e modelos de regressão que permitem o teste empírico adequado dos possíveis padrões de associação entre classes e o apoio político a Lula.

Por um lado, com fundamento em tais recursos metodológicos, evidencia-se que os subproletários exibiram maiores níveis de aprovação em relação a Lula ao longo de toda a série. A avaliação da atuação do líder petista, contudo, cresce no interior de todos os grupos de classe analisados. Por outro, somente em três anos da série (2007, 2009 e 2010) a variável de classe se mostrou um preditor estatisticamente significativo da avaliação de Lula – resultado esse que ajuda a matizar as capacidades explicativas das classes sociais em relação ao lulismo durante as duas primeiras gestões federais do atual presidente.

Além dessa introdução, o presente artigo é composto por outras quatro seções. A seguir, na revisão de literatura, o fenômeno do lulismo será abordado a partir dos pressupostos fundamentais de análise da política de classes. Posteriormente, na seção sobre metodologia, os elementos fundamentais para a seleção dos dados e construção das variáveis serão apresentados. Subsequentemente, os resultados descritivos e dos modelos de regressão são expostos, e, por fim, o último trecho do artigo é composto por comentários sobre os dados, além das considerações finais.

ASPECTOS TEÓRICOS

O CONCEITO DE LULISMO

O sucesso de Lula durante suas primeiras duas gestões à frente do governo federal brasileiro (2003 – 2010) foi analisado, principalmente, como resultado de uma agenda política pautada por ações que suscitariam retornos eleitorais frente aos grupos mais desfavorecidos da população (NICOLAU e PEIXOTO, 2007). Especialmente os programas sociais, como o Bolsa Família, teriam ajudado o então presidente a ampliar sua base eleitoral em áreas como a Região Nordeste (SOARES e

TERRON, 2008) e entre os mais pobres (ZUCCO JUNIOR, 2013)¹. Na esteira dessas análises sobre as bases sociais de apoio ao então presidente Lula, Singer (2009, 2012) cunhou o conceito de lulismo.

Nos termos desse autor, a reeleição de Lula foi o ponto de partida do “realinhamento eleitoral lulista” – uma “reconversão de blocos eleitorais” na qual o subproletariado (fração mais numerosa e socialmente destituída da classe trabalhadora) teria aderido ao então presidente ao mesmo tempo em que as classes médias o abandonaram. Para a atração daquela porção majoritária de trabalhadores excluídos do mercado de trabalho formal, Lula teria cumprido o “programa ideológico” de tal grupo – o combate à desigualdade (especialmente via Estado, assentado em “bases materiais” características, como os programas sociais, o aumento do poder de compra do salário-mínimo e a concessão de crédito aos mais pobres) dentro da ordem (i.e. sem suscitar movimentos de contestação do status quo). Representando os subproletários de “cima para baixo” (dado que sua precária situação social não permitiria o desenvolvimento de uma consciência de classe ou o engajamento na ação política), Lula teria ganhado autonomia para pôr em prática sua plataforma política de “reformismo fraco” (SINGER, 2012).

Posteriormente, o escrutínio ao qual as teses de Singer foram submetidas colocou em perspectiva vários de seus postulados. Dentre outros, autores críticos questionaram as diferenças entre lulistas e petistas, bem como o impacto da ideologia na adesão ao lulismo. Rennó e Cabello (2010), por exemplo, demonstraram, a partir de dados do ESEB (Estudo Eleitoral Brasileiro), que os petistas nutriam maior afeição pela figura do ex-presidente do que os próprios lulistas (aqueles que, segundo os autores, votaram em Lula em sua reeleição, mas não tinham preferência partidária pelo Partido dos Trabalhadores – PT). Asseveraram, ademais, que o lulista se assemelha a um eleitor não alinhado ideologicamente. Zucco Junior e Samuels (2014) vão adiante no diagnóstico, identificando o lulismo como um fenômeno psicológico fraco (caso comparado ao próprio petismo) e o associando aos corriqueiros esquemas de voto retrospectivo a favor de Lula. Embora tenham produzido análises decisivas sobre o fenômeno, os críticos passaram ao largo de uma questão fundamental posta por Singer – a adesão à liderança política de Lula ocorreu diferentemente entre as classes sociais.

A despeito da centralidade dessa formulação em seus escritos, igualmente o próprio Singer foi incapaz de aprofundar, em termos de análise empírica, suas principais teses acerca das relações entre classe e política no Brasil durante os governos Lula. Embora utilize um conceito advindo da tradição sociológica de pesquisa sobre a estrutura de classes brasileira (que se baseia, fundamentalmente, na ocupação como variável básica para sua operacionalização), há uma prevalência, em seus escritos, de análises que tomam a renda como proxy para as posições classistas. Isto ocorre, por exemplo, nas teses sobre os efeitos políticos da ascensão social (SINGER, 2018, 2015). Embora neste último artigo o autor busque atualizar os dados de Paul Singer (1981) sobre as dimensões do subproletariado no Brasil, é bastante presente, em qualquer de suas publicações sobre o lulismo, uma sobreposição conceitual indevida entre

¹ Ainda assim, a extensão do impacto eleitoral de programas sociais como o Bolsa Família foi igualmente posta em questão por diversos autores (CANÊDO-PINHEIRO, 2015; LIMONGI e GUARNIERI, 2015).

baixa renda e subproletariado. Ademais, não há a mobilização desse conceito fundamental para a produção de medidas de associação entre classes e comportamento político. Em substituição, Singer se contenta com dados descritivos da renda dos entrevistados (ao invés da ocupação, novamente), cruzados com dados de intenção de voto. Frente ao imenso manancial de conceitos e medidas produzidos justamente com o objetivo de mensurar adequadamente as possíveis associações entre preferências políticas e classes sociais na literatura atualizada (EVANS, 1999; LACHAT, 2007), trata-se de uma limitação patente das análises disponíveis sobre o fenômeno do lulismo.

Não obstante essas limitações, a tese levantada por Singer (2009, 2012) segundo a qual os subproletários têm mais afinidades políticas para com Lula, em comparação com indivíduos imersos em outras classes sociais, tem sentido do ponto de vista da análise de classe. A seguir, busca-se alinhar tal tese com os achados da literatura internacional sobre política de classes.

POLÍTICA DE CLASSES E LULISMO

Na tradição de estudos sobre a política de classes (WEAKLIEM e ADAMS, 2011), os padrões de associação entre classes sociais e preferências políticas foram analisados a partir de duas grandes abordagens. Uma primeira parte da estrutura social ao plano político, destacando o papel das pressões advindas da inserção em grupos sociais (BERELSON, LAZARFELD e MCPHEE, 1954) e dos interesses materiais classistas (ALFORD, 1967; MANZA, HOUT e BROOKS, 1995) como condicionantes das escolhas eleitorais e atitudes políticas. Essa vertente, identificada com certas versões da escola sociológica de interpretação do comportamento político, ficou conhecida na literatura como abordagem bottom up (EVANS, 2000). A outra abordagem, por seu turno, faz o caminho inverso, indo do político ao social ao destacar o papel de partidos, movimentos sociais e lideranças na constituição política das classes sociais (PRZEWORSKI e SPRAGUE, 1986). Nessa abordagem top down das associações entre classe e política, assim como na obra seminal de Lipset e Rokkan (1967) sobre alinhamentos entre sistemas partidários e clivagens sociais, a questão fundamental diz respeito às formas pelas quais os conflitos e divisões sociais são traduzidos (SARTORI, 1969) à arena política.

Como evidenciam as produções contemporâneas sobre política de classes, especialmente sobre o fenômeno do voto de classe (LANGSAETHER, 2018; EVANS e TILLEY, 2017), a estruturação do campo da oferta política é decisiva para ativar, em termos classistas, as preferências políticas dos cidadãos. Sem que o campo da oferta política seja discernível enquanto diferentemente estruturado em termos de classe, não é possível que o eleitorado utilize as identidades classistas como orientadoras de suas escolhas políticas (EVANS e TILLEY, 2017). Os partidos são centrais nesse sentido tanto devido ao impacto das suas estratégias na formação política das classes (PRZEWORSKI, 1986) quanto pelos atalhos que oferecem ao abordar issues sensíveis aos interesses e identidades classistas. Para esses fins, todavia, não somente os partidos importam. Ao se ampliar o escopo da análise, é possível identificar, em certas lideranças políticas, a capacidade de mobilizar, contra ou a favor de seus objetivos

políticos, bases classistas diferentes, como no lulismo, aqui em questão, mas igualmente no chavismo, na Venezuela (LUPU, 2010; HEATH, 2009), ou mesmo da interação entre classe e raça na base eleitoral de Donald Trump, nos Estados Unidos (ZINGHER, 2020).

Ainda no que diz respeito ao campo da oferta política, fenômenos como o voto de classe decorrem, como indicam os escritos de Przeworski sobre o tema (PRZEWORSKI, 1986; PRZEWORSKI e SPRAGUE, 1986), principalmente das estratégias de agremiações partidárias de esquerda na busca pela organização dos trabalhadores em classe. Todavia, no próprio esquema teórico desse autor, é fundamental a diferenciação entre operários e trabalhadores posicionados na força de trabalho excedente². Estudos que levam em conta tal distinção revelam que os excluídos do mercado de trabalho capitalista apresentam interesses (RUEDA, 2005), atitudes políticas (ACEVEDO-PARDO, 2021) e padrões de comportamento eleitoral diversos (MAINWARIN, TORCAL e SOMMA, 2015) dos trabalhadores engajados em relações formais de trabalho.

A despeito da centralidade das desigualdades de classe no Brasil (RIBEIRO e CARVALHARES, 2020), há ainda um conjunto pequeno de produções na academia brasileira que utiliza a concepção sociológica de classe – i.e. que pensa o conceito enquanto posição nas relações de produção e geralmente o operacionaliza através de informações sobre a ocupação dos indivíduos (WRIGHT, 2000; GOLDTHORPE, 2000) – para analisar as preferências políticas do eleitorado (RIBEIRO e ISRAEL, 2016; RIBEIRO, 2014). Muito embora pioneiros da ciência política no Brasil tenham utilizados os conceitos da análise de classe em seus estudos (SOARES, 1982; SOARES e VALLE SILVA, 1987), contemporaneamente, outras clivagens sociais, como renda (HOLZHACKER e BALBACHEVSKY, 2007) ou mesmo a posse de bens de consumo (RENNÓ e TURGEON, 2016), são utilizadas na área de estudos do comportamento político como substitutas àquela concepção teórica. Busca-se aqui reencontrar tal concepção e, ao mesmo tempo, proceder uma atualização importante. Assim como demonstrado por Maiwaring, Torcal e Somma (2015) em relação aos padrões de voto de classe na América Latina, pressupõe-se que é a presença de lideranças políticas como Lula que mobiliza politicamente as diferenças classistas em países como o Brasil.

Dessa forma, em uma abordagem influenciada pelos pressupostos da literatura top down sobre política de classes, pode-se argumentar que (i) quando o campo da oferta política se diferencia em termos de classe, os níveis de associação entre preferências políticas e posições classistas dos eleitores tendem a aumentar; (ii) ademais, além de distinguir entre interesses e identidades dos vários agrupamentos classistas, torna-se necessário diferenciar, no seio da classe trabalhadora, entre as preferências de trabalhadores incluídos no mercado de trabalho formal e aqueles imersos na força de trabalho excedente. Sendo assim, pode-se considerar que, em relação a (i), a presença de Lula na disputa política (como incumbente, no caso dos anos aqui analisados) ativa, no campo da representação política, as clivagens de classe. Já em

² Especificamente em relação à questão da força de trabalho excedente, Przeworski (1986) argumenta que o estágio mesmo da luta de classes, por influir na forma da produção, é o principal condicionante da forma e tamanho desse grupo de trabalhadores.

relação a (ii), deve-se notar que os subproletários podem apresentar preferências políticas diferentes das desenvolvidas por outros agrupamentos classistas, mesmo se a comparação é feita com frações da classe trabalhadora mais privilegiadas³. Sendo assim, é possível formular, para as análises empíricas aqui empreendidas, a seguinte hipótese – os indivíduos localizados no subproletariado tenderam a apresentar maiores níveis de avaliação positiva da figura pública de Lula durante as gestões federais por ele capitaneadas, do que aqueles expressos por indivíduos imersos em outras classes sociais.

METODOLOGIA

DADOS E VARIÁVEL DEPENDENTE

Os dados aqui utilizados advêm dos surveys realizados pelo Latinobarómetro (2010⁴) no Brasil entre os anos de 2005 e 2010. Em todas as ocasiões, a amostra contou com 1.204 entrevistados e erro amostral de 2,8 pontos percentuais⁵. A escolha de tal base de dados se baseia em dois aspectos. Em primeiro lugar, é a única que dispõe de variáveis, ao longo do período analisado, que permitem a operacionalização do conceito de lulismo não como intenção de voto em Lula, mas como afinidade por sua figura política, medida por sua aprovação pessoal. Em segundo, igualmente, nela estão presentes informações suficientes para elaborar uma tipologia de classes ocupacional que permita testar a tese de adesão do subproletariado à liderança do presidente.

Especificamente no que diz respeito à afinidade em relação à liderança de Lula, aqui é utilizada uma questão sobre avaliação pessoal, presente em uma série de variáveis acerca da avaliação de líderes internacionais – “termômetros” de avaliação pessoal que variavam entre 0 (muito ruim) e 10 (muito boa)⁶. Essa escolha metodológica é feita com vistas a ressaltar os níveis de afeto nutridos em relação ao principal líder petista. Embora não seja esse o objetivo do presente estudo, é possível destacar que o desenvolvimento do afeto para com uma liderança política pode levar ao reforço de identidades no interior de grupos sociais – e, conseqüentemente, da rejeição a outros grupos, identificados com lideranças adversárias. Tal processo pode levar mesmo a situações de “polarização afetiva” (IYENGAR, SOOD e LELKES, 2012). Na literatura sobre esse fenômeno, as variáveis de avaliação “termostática” (como o aqui utilizado) são largamente utilizados (IYENGAR et al., 2019). Dessa forma, para evidenciar a afinidade em relação a Lula, essa se torna uma medida mais adequada do que a escolha eleitoral. Embora fosse desejável que as variáveis aqui utilizadas para tais fins estivessem presentes em recorte temporal mais amplo, apenas entre 2005 e

³ Como, de resto, argumentado pelo próprio Singer (2012) em sua ideia de “programa ideológico do subproletariado”.

⁴ Os dados de todos os anos em que houve a pesquisa estão disponíveis para download no mesmo link, aba Datos (LATINOBARÓMETRO, 1995–2023).

⁵ As datas de aplicação dos questionários não estão disponíveis no site da instituição. Para maiores informações sobre a metodologia dos surveys, consultar Latinobarómetro (1995–2023).

⁶ “A seguir, nomearei uma série de líderes e presidentes. Quero que você os avalie numa escala de 0 a 10, onde ‘0’ significa que sua avaliação é ‘muito ruim’ e ‘10’ que sua avaliação é ‘muito boa’”. Para maiores detalhes, consultar apêndice metodológico.

2010 a variável utilizada para operacionalizar a escala de avaliação pessoal consta nos bancos de dados.

TIPOLOGIA DE CLASSES SOCIAIS

Na literatura sobre classes e política, especialmente na tradição de estudos sobre voto de classe, desde a década de 1990, especialmente em âmbitos acadêmicos anglo-saxônicos (EVANS, 1999), houve uma convergência metodológica no sentido da utilização de esquemas de análise de classe mais complexos do que os “mapas polarizados de classe” (WRIGHT, 1985), compostos somente por capitalistas e proletários. Dessa forma, abordagens como o esquema EGP, ou esquema Goldthorpe (ERIKSON, GOLDTHORPE e PORTOCARERO, 1979; GOLDTHORPE, 2000), foram amplamente utilizadas. Ao compreender as classes sociais como determinadas por relações de emprego e diferenciadas pelos tipos de contrato, níveis de capital humano utilizado e dificuldades de monitoramento do trabalho (GOLDTHORPE, 2000), esse quadro analítico consegue oferecer um panorama mais nuançado da estrutura de classes nos países capitalistas contemporâneos. Ademais, devido à sua larga utilização em estudos comparativos sobre mobilidade social, há uma flexibilidade na utilização de seu formato, que pode ser reorganizado em versões que variam entre três e onze categorias (BREEN, 2005).

Embora neste artigo não sejam utilizadas as versões mais comuns do esquema EGP, a tipologia aqui proposta inspira-se nos procedimentos fundamentais formulados por Goldthorpe (2000) para a modelagem dessa tipologia de classes. Segundo esse autor, apenas dois tipos de variáveis são suficientes para tanto – o status do emprego (i.e. se os indivíduos são empregadores, empregados ou autoempregados) e a ocupação. Nas pesquisas do Latinobarómetro, o status ocupacional é captado pela variável “Qual é sua situação ocupacional atual?”⁷, ao passo que a ocupação é sistematizada pela variável “Que tipo de trabalho você faz?”. Do cruzamento entre essas variáveis é gerada a tipologia de classes aqui utilizada. Como resultado é produzida uma variável tricotômica composta pelas seguintes categorias – classes médias, classe trabalhadora e subproletariado⁸. O Quadro 1 resume os procedimentos realizados para se chegar a tal tipologia⁹.

No que se afigura enquanto uma vantagem dos bancos de dados do Latinobarómetro para a operacionalização de tipologias de classe, além de informações das variáveis de status ocupacional e ocupação para a população economicamente ativa (PEA),

⁷ Para informações sobre formato das questões, códigos dos bancos de dados e recodificações utilizadas, consultar apêndice metodológico.

⁸ A rigor, as categorias da tipologia de classes aqui proposta oferecem dados acerca de agrupamentos de classe. Ou seja, são um conjunto de posições de classe – essas, por seu turno, equivalem a postos diferentes em relações de trabalho (WRIGHT, 2000). Todavia, com o fito de facilitar a leitura do texto, tais grupamentos são designados simplesmente como classes sociais.

⁹ Embora tenham afirmado ser autônomos em relação aos seus status de trabalho, alguns indivíduos, quando perguntados quanto ao tipo de trabalho que desempenhavam, escolheram a categoria “outros empregados” como a mais adequada para descrever sua situação. Esse problema é identificado a partir da pesquisa de 2006. Como procedimento padrão, decidiu-se incluir esses indivíduos na categoria da classe trabalhadora, devido justamente à condição reportada de empregados.

estão disponíveis dados similares para aposentados¹⁰ e chefes de família¹¹. Dessa forma, utilizando os mesmos procedimentos descritos no Quadro 1, foram identificadas as classes sociais dos aposentados a partir do tipo de trabalho que desempenhavam quando participavam da PEA e daqueles que, quando perguntados sobre seus status ocupacionais, identificaram-se como estudantes ou “responsáveis pelo cuidado da casa”, com base nas informações dos chefes de suas famílias.

Quadro 1. Tipo de trabalho, situação ocupacional e tipologia de classes sociais

Tipo de Trabalho	Situação Ocupacional	Classe Social
Profissional (Autônomo)	Independente / Conta Própria	Classes Médias
Dono de Negócio		
Profissional (Empregado)	Assalariado (Empresa Pública ou Privada)	Classe Trabalhadora
Alto Executivo (Gerentes, Diretores)		
Executivo de Nível Médio (Supervisor)		
Outro Tipo de Empregado	Independente / Conta Própria	Subproletariado
Agricultor / Pescador		
Trabalhador por Conta Própria / Ambulante		
-	Atualmente Não Trabalha	

Fonte: Elaboração própria a partir de Latinobarómetro (1995–2023), ano 2010.

Embora uma das principais características de esquemas de classe como o EGP seja a identificação das peculiaridades de segmentos profissionais e gerenciais das classes médias, aqui se optou por agregar tal fração classista aos pequenos burgueses, identificados pelas pesquisas do Latinobarómetro (2010) como “donos de negócio”, formando uma única categoria, intitulada “classes médias”¹². Porém, a principal diferença da tipologia ora exposta em relação a abordagens como a produzida por Goldthorpe, diz respeito à desagregação das ocupações dos trabalhadores em duas categorias – classes trabalhadoras e subproletariado. Além de necessário, frente aos objetivos do presente trabalho, tal procedimento se impõe devido às características mesmas da estrutura de posições de classe no Brasil, que é perpassada por um amplo setor de autônomos precarizados socialmente, destituídos de ativos econômicos ou educacionais, além de um contingente estrutural de desempregados (SANTOS, 2009, 2010). Embora não utilizando os mesmos procedimentos adotados por Singer (1981) em seu estudo clássico sobre as classes no Brasil, a categoria aqui utilizada de subproletariado, ao incorporar autônomos precarizados socialmente e desempregados, mantém as características centrais do conceito¹³. Ademais, para

¹⁰ “Qual era sua situação ocupacional anteriormente?” (LATINOBARÓMETRO, 1995–2023, ano 2010). Para mais informações, consultar apêndice metodológico.

¹¹ “Qual é a situação ocupacional do chefe de família?” (LATINOBARÓMETRO, 1995–2023, ano 2010). Para mais informações, consultar apêndice metodológico.

¹² De resto, esse procedimento é previsto pelos próprios Erikson, Goldthorpe e Portocarero (1979) em situações de n pequeno para as categorias de classe média, como a aqui encontrada.

¹³ Singer (1981) propõe que, diferentemente dos proletários em sentido estrito (grupo composto por assalariados que realizam trabalho manual e têm condições mínimas de se engajar em ações coletivas com base classista), os subproletariados são superexplorados por capitais individuais (como no caso de

aumentar as possibilidades de comparação com a literatura sobre o lulismo, a mesma nomenclatura foi utilizada.

MODELOS DE REGRESSÃO

Além de dados descritivos, foram produzidos, com o objetivo de testar a hipótese de pesquisa, modelos de regressão linear. Neles, a escala de avaliação pessoal de Lula é utilizada como variável dependente, ao passo que a tipologia de classes acima exposta é inserida como a variável independente de interesse – tendo o subproletariado como categoria de referência. Igualmente, são incluídas variáveis de controle socioeconômicas (sexo, raça, faixa etária, religião e região de moradia)¹⁴, bem como relativas ao partidatismo pelo PT e à busca por informação política por meio da televisão. Espera-se que as variáveis sexo, raça (em formato dummy para os autodeclarados brancos) e idade tenham efeito sobre a variável dependente, uma vez que as gestões Lula desenvolveram vários programas sociais destinados aos mais vulneráveis no interior dessas clivagens sociais, dos quais o Bolsa Família (cadastrado em nome das mulheres, no núcleo familiar), as políticas afirmativas raciais e a expansão de vagas em instituições federais de ensino são alguns dos exemplos. Em relação à religião (aqui em formato tricotômico, tendo os católicos como categoria de referência), é documentado o comportamento político diferenciado de grupos, como os evangélicos, em relação a lideranças políticas no Brasil (BOHN, 2007). Igualmente, a inédita territorialização do apoio político a Lula em regiões como o Nordeste brasileiro (SOARES e TERRON, 2008, 2010) indicam a necessidade de adoção da variável de controle relativa à região – o que é feito com base em uma dummy para a Região Nordeste. Devido à predileção pelo PT ser um fator determinante para a afinidade para com Lula (RENNÓ e CABELLO, 2010), uma variável relativa à predileção pelo partido foi incluída no modelo. Todavia, somente na edição de 2010 do Latinobarómetro tal variável foi encontrada. Por fim, além de evidenciada a valência majoritariamente negativa na cobertura midiática dos governos federais petistas (FERES JUNIOR e SASSARA, 2016), também foram revelados pela literatura os efeitos de priming sobre a popularidade presidencial no período (MUNDIM, 2019). Isso demanda a inclusão de uma variável de controle acerca da busca por informação política através de meios de comunicação de massa, como a televisão – especificamente, a quantidade de dias nos quais o indivíduo busca se informar através desse meio. Maiores informações sobre essas variáveis podem ser consultadas no apêndice metodológico.

empregadas domésticas ou empregados rurais) ou são “[...] levados a se autoexplorar, ao serem obrigados a ofertar seus serviços ou mercadorias em mercados estruturalmente saturados” (SINGER, 1981, p. 106).

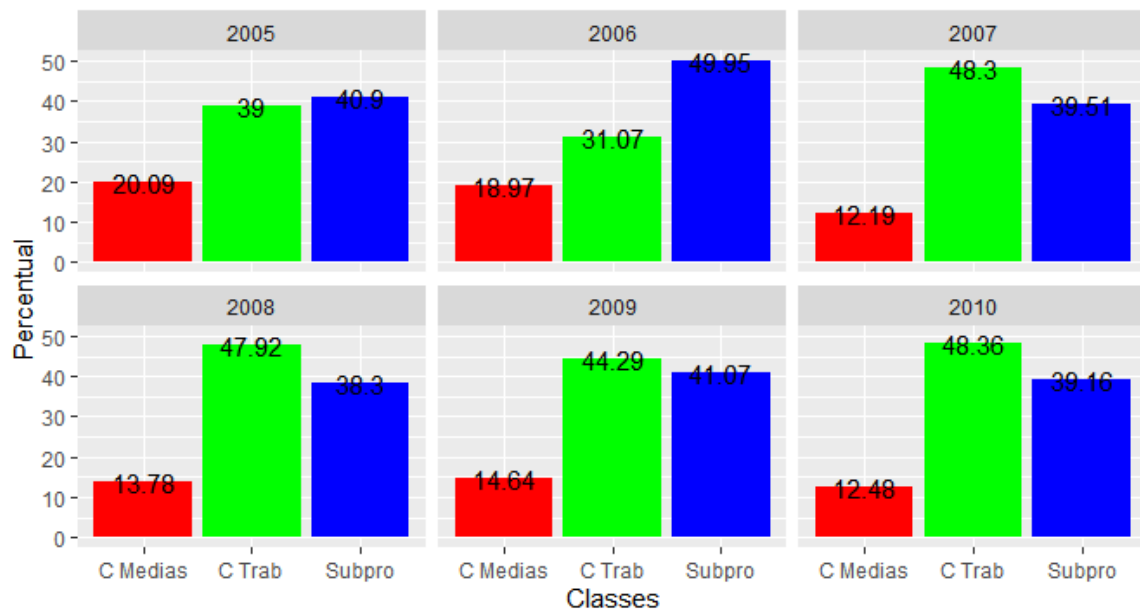
¹⁴ Conforme os estudos sobre estratificação social no Brasil (RIBEIRO e CARVALHARES, 2020), os níveis educacionais se encontram correlacionados com a posição em classes sociais. Consequentemente, para evitar problemas de colinearidade com a variável independente de interesse, optou-se por não incluir uma variável para educação como controle.

RESULTADOS

DADOS DESCRITIVOS

O Gráfico 1 demonstra o tamanho relativo em relação à PEA, por ano, das classes sociais incluídas na tipologia aqui produzida. Pode-se notar, em primeiro lugar, que, durante todos os anos da série, as classes médias são o agrupamento classista com os menores percentuais. Tais percentuais, além do mais, diminuem gradativamente de tamanho a partir de 2007, de forma tal que, se há mudanças na dimensão das classes, essas ocorrem na classe trabalhadora e no subproletariado. Essa classe apresenta um contingente proporcionalmente maior de indivíduos nos dois primeiros anos da série, ao passo que aquela tem percentuais mais elevados nos demais.

Gráfico 1. Tamanho relativo das classes sociais por ano (% em relação à PEA)



Fonte: Elaboração própria com base em Latinobarómetro (1995-2023), anos 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010.

As médias para a escala de avaliação do então presidente Lula são expostas no Gráfico 2. Pode-se notar que, a partir de 2007, há um aumento das médias entre todas as classes. Não obstante, a classe dos subproletários apresenta, sistematicamente, em todos os anos da série, médias maiores do que as apresentadas pelo total da amostra. No sentido oposto, as menores médias podem ser encontradas no agrupamento das classes médias.

Gráfico 2. Médias anuais da avaliação do presidente Lula por classes

Fonte: Elaboração própria com base em Latinobarômetro (1995-2023), anos 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010.

MODELOS DE REGRESSÃO

Na Tabela 3, estão resumidos os coeficientes para os modelos de regressão nos anos considerados para a análise. A variável relativa à tipologia de classes sociais mostrou-se uma boa preditora da avaliação pessoal de Lula em três anos. Em 2007, em comparação à categoria de referência (subproletariado), entrevistados posicionados nas classes médias apresentaram, em média, - 0.849 pontos na escala de avaliação de Lula. O mesmo ocorreu em 2008 (-0.597) e em 2010 (-0.933) – esses resultados têm o sinal esperado, conforme a hipótese de pesquisa. Nesse último ano, igualmente, estar imerso em postos da classe trabalhadora fez a avaliação de Lula diminuir 0.296 pontos na escala. Nos demais anos, a variável de classe não se configura como condicionante da avaliação do líder petista. Em relação aos controles, há de se destacar os resultados apresentados pelas variáveis relativas à moradia na Região Nordeste e à avaliação governamental, que se mostraram significativamente associadas à variável dependente em todos os anos da série. A última, dentre todas as variáveis incluídas no modelo, apresenta os resultados positivos com maior magnitude. Além delas, a depender do contexto, as variáveis de idade, raça, religião e busca por informação política via TV igualmente se mostraram associadas à variável dependente. A variável de exposição à cobertura midiática foi a única a mudar o sinal da associação entre dois anos.

Tabela 3. Coeficientes de regressão OLS

Variáveis	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Classes Médias	-0.266 (0.269)	-0.376 (0.272)	-0.849*** (0.278)	-0.597** (0.232)	-0.368 (0.201)	-0.933*** (0.202)
Classes Trabalhadoras	0.00121 (0.227)	-0.130 (0.238)	-0.0600 (0.183)	0.0517 (0.158)	-0.172 (0.143)	-0.296** (0.134)
Sexo (Feminino)	-0.473** (0.200)	-0.248 (0.207)	-0.289 (0.171)	-0.314** (0.146)	-0.187 (0.132)	-0.135 (0.123)
Idade	0.0121 (0.00652)	0.157 (0.109)	0.0202*** (0.00549)	0.00753 (0.00475)	0.00933** (0.00430)	0.00775** (0.00392)
Raça (Branca)			-0.393** (0.176)	- 0.420*** (0.152)	-0.371*** (0.139)	-0.467*** (0.134)
Evangélicos	0.0346 (0.245)	-0.262 (0.264)	-0.163 (0.221)	- 0.599*** (0.190)	0.000772 (0.163)	-0.325** (0.153)
Outras Religiões	-0.0971 (0.370)	-0.493 (0.341)	-0.347 (0.252)	-1.012*** (0.225)	-0.314 (0.196)	-0.100 (0.190)
Região (Nordeste)	1.213*** (0.231)	1.100*** (0.239)	1.312*** (0.196)	0.905*** (0.176)	0.984*** (0.158)	0.504*** (0.148)
Informação TV	-0.0704 (0.0376)	0.0116 (0.0505)	-0.0700** (0.0335)		0.0408 (0.0245)	-0.0120 (0.0230)
Petismo						0.846*** (0.160)
Constant	5.530*** (0.352)	6.115*** (0.398)	6.096*** (0.317)	7.384*** (0.252)	7.618*** (0.233)	8.260*** (0.226)
Observations	1,013	857	1,044	1,062	1,035	1,025
R-squared	0.042	0.034	0.081	0.084	0.063	0.092

Nota: Erros padrão em parênteses *** p<0.01, ** p<0.05. Fonte: Elaboração própria.

DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou revisitar a tese, proposta por Singer (2009, 2012), de que a inserção em posições de classe do subproletariado privilegiaria a adesão política à figura de Lula, especialmente durante suas duas primeiras gestões à frente do governo federal no Brasil. Tal tese, como argumentado anteriormente, foi pouco explorada empiricamente, tanto por aquele autor quanto por seus críticos – especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento de medidas que mensurem as capacidades preditivas das classes sociais frente à aprovação daquele líder político. Consequentemente, para buscar embasá-la em dados, partiu-se da formulação de uma tipologia de classes ocupacional, composta por três categorias – classes médias, classe trabalhadora e subproletariado. Ademais, foi utilizada, como medida para o fenômeno estudado, uma escala de avaliação da atuação política de Lula. Esses procedimentos diferem dos mobilizados pela literatura anterior, tanto em relação à operacionalização das classes sociais (dado o uso recorrente de proxies para as classes como a renda e a posse de bens de consumo) (HOLZHACKER e BALBACHEVSKY, 2007; RENNÓ e TURGEON, 2016) quanto do conceito de lulismo (geralmente equacionado à

escolha eleitoral) (SINGER, 2009, 2012; RENNO e CABELLO, 2010). Com base em tais medidas, foram produzidos dados descritivos e modelos de regressão linear que buscaram dimensionar as possíveis associações entre origem classista e avaliação do líder petista.

A adoção de uma abordagem de classe pode ser justificada pelas características mesmas do fenômeno do lulismo. Grupos sociais fundamentais da argumentação de Singer (2009, 2012), como as classes médias e o subproletariado, somente podem ser compreendidos como partes de uma estrutura de relações de classe. Subproletários, por exemplo, não são necessariamente aqueles imersos em estratos de rendas mais pobres, mas, por definição, trabalhadores da força de trabalho excedente, geralmente enredados em ocupações autônomas precarizadas. Portanto, para mensurar tais grupos adequadamente, faz-se necessário uma abordagem de classes sociológica, operacionalizada a partir de variáveis ocupacionais, como a aqui formulada. Sendo assim, uma primeira contribuição deste artigo foi a de dimensionar empiricamente os diferentes grupamentos de classe utilizados. Como resultados, foram identificadas duas principais tendências em relação à constituição da estrutura de relações classistas no período estudado – a falta de padrões de ascensão social às classes médias e a expansão da classe trabalhadora, principalmente nos últimos anos da série (2007 – 2010). A despeito das limitações dos dados utilizados¹⁵, as evidências produzidas vão ao encontro de achados da literatura brasileira sobre classes sociais (SCALON e SALATA, 2012).

A expectativa, principalmente presente nos escritos de Singer (2009, 2012), era a de que fenômenos como essas variações na estrutura de classes teriam influenciado os subproletários a bonificar Lula politicamente. Os dados aqui produzidos ajudam a matizar essa compreensão. A partir das medidas descritivas elaboradas, foi possível perceber que, de fato, ao longo de todos os anos da série (2005–2010), as maiores médias de aprovação pró-Lula foram encontradas entre os subproletários. Igualmente, como pressuposto por Singer (2009, 2012), os indivíduos imersos nas classes médias apresentaram menores indicadores de adesão ao líder petista. Ademais, entrevistados advindos das classes trabalhadoras registraram níveis de apoio a Lula sistematicamente menores do que os subproletários. Esses dados guardam algumas diferenças frente à literatura anterior sobre o lulismo. A primeira diz respeito ao fato de que, a despeito das tendências acima destacadas, houve, ao longo da série, um crescimento quase contínuo da aprovação de Lula no interior dos diferentes grupamentos classistas. Em segundo lugar, mesmo ao se utilizar dados diversos dos de Singer (2009, 2012) em sua análise sobre o realinhamento eleitoral do lulismo, as tendências aqui identificadas, via informações acerca da avaliação do líder petista, demonstram padrões de continuidade do suporte classista a Lula durante seus dois governos. Não obstante, como demonstrado pelos modelos de regressão, a hipótese segundo a qual, durante os anos analisados, a inserção em posições de classe subproletárias aumentaria a predileção por Lula é confirmada apenas parcialmente. As variáveis de classe se mostraram boas preditoras da avaliação do então presidente em três anos da série (2007, 2008 e 2010) no sentido

¹⁵ Há de se notar que os recursos metodológicos utilizados são bastante limitados quando comparados aos dos estudos sobre estratificação social no Brasil (RIBEIRO e CARVALHARES, 2020) e não objetivam produzir um mapa acabado das relações classistas no país.

esperado – tendo a posição em classes médias (naqueles três anos) e trabalhadoras (em 2010) diminuído os níveis de aprovação de Lula em comparação à categoria de referência, os subproletários.

Para futuras pesquisas, igualmente podem ser realizadas investigações acerca dos padrões de afeto negativo em relação a esse líder petista, além dos esquemas de avaliação em relação à sua figura pública no interstício entre suas gestões presidenciais, na década de 2010, bem como ao longo de seu terceiro termo à frente do Executivo federal. No mesmo sentido, as relações entre classes sociais e comportamento político dos eleitores brasileiros conformam uma agenda de pesquisa ainda a ser explorada mais profundamente pela literatura especializada, o que, certamente, convida à formulação de novos artigos sobre a temática.

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

O presente artigo recebeu financiamento da UFPA, através do edital Prodoutor 2019 (Projeto Classes sociais e comportamento político no Brasil contemporâneo), e do Projeto PROCAD Amazônia via estágio pós-doutoral do autor no PPGCP-UFMG. Versões iniciais do texto receberam valiosos comentários dos membros do CECOMP-UFMG e do AT de Comportamento Político da ABCP, aos quais o autor é bastante grato. Agradecimentos especiais a Mário Fuks e Eduardo Tamaki.

SOBRE O AUTOR

Gustavo César M. Ribeiro: Professor Adjunto da Universidade Federal do Pará – Faculdade de Ciências Sociais e Programa de Pós-Graduação em Ciência Política. Doutor em Ciências Sociais (UFRN). Realizou estágio pós-doutoral no PPGCP-UFMG. Líder do CPOLS – Grupo de Estudos Comportamento Político e Sociedade.

REFERÊNCIAS

1. ACEVEDO-PARDO, Julián. Labor informality and economic political accountability of Executive incumbents in Latin America. *Revista Latinoamericana de Opinión Pública*, v. 10, n. 1, p. 105–128, mar. 2021. DOI: <https://doi.org/10.14201/rlop.25920>
2. ALFORD, Robert. Class voting in the Anglo-American political systems. In: LIPSET, Seymour; ROKKAN, Stein (Eds.). *Party Systems and Voter Alignments*. New York: Free Press, 1967. p. 67–95.
3. BERELSON, Bernard; LAZARSFELD, Paul; MCPHEE, William. *Voting: a study of opinion formation in a presidential campaign*. Chicago: University of Chicago Press, 1954.
4. BOHN, Simone R. Contexto político-eleitoral, minorias religiosas e voto em pleitos presidenciais (2002–2006). *Opinião Pública*, v. 13, n. 2, p. 366–387, nov. 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-62762007000200006>
5. BREEN, Richard. Foundations of a neo-weberian class analysis. In: WRIGHT, Erik O. (Ed.). *Approaches to class analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 31–50.
6. CANÊDO-PINHEIRO, Maurício. Bolsa Família ou desempenho da economia? Determinantes da reeleição de Lula em 2006. *Economia Aplicada*, v. 19, n. 1, p. 31–61, dez. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-8050/ea100264>
7. ERIKSON, Robert; GOLDTHORPE, John; PORTOCARERO, Lucienne. Intergenerational class mobility in three Western European societies: England, France and Sweden. *The British Journal of Sociology*, v. 30, n. 4, p. 415–441, dez. 1979. DOI: <https://doi.org/10.2307/589632>
8. EVANS, Geoffrey. The continued significance of class voting. *Annual Review of Political Science*, v. 3, p. 401–417, jun. 2000. DOI: <https://doi.org/10.1146/annurev.polisci.3.1.401>

9. EVANS, Geoffrey (Org.). *The end of class politics? Class voting in a comparative context*. Oxford: Oxford University Press, 1999.
10. EVANS, Geoffrey; TILLEY, James. *The new politics of class: the political exclusion of the British working class*. Oxford: Oxford University Press, 2017.
11. FERES JUNIOR, João; SASSARA, Luna. Corrupção, escândalos e a cobertura midiática da política. *Novos estudos CEBRAP*, v. 35, n. 2, p. 205-225, jul. 2016. DOI: <https://doi.org/10.25091/S0101-3300201600020011>
12. GOLDTHORPE, John. *On sociology: numbers, narratives and the integration of research and theory*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
13. HEATH, Oliver. Explaining the rise of class politics in Venezuela. *Bulletin of Latin American Research*, v. 28, p. 185-203, abr. 2009. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/27734138>. Acesso em: 29 mar. 2024.
14. HOLZHACKER, Denilde Oliveira; BALBACHEVSKY, Elizabeth. Classe, ideologia e política: uma interpretação dos resultados das eleições 2002 e 2006. *Opinião Pública*, v. 13, n. 2, p. 283-306, nov. 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-62762007000200003>
15. IYENGAR, Shanto et al. The origins and consequences of affective polarization in the United States. *Annual Review of Political Science*, v. 22, n. 1, p. 129-146, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1146/annurev-polisci-051117-073034>
16. IYENGAR, Shanto; SOOD, Gaurav; LELKES, Yphtach. Affect, not ideology: a social identity perspective on polarization. *Public Opinion Quarterly*, v. 76, n. 3, p. 405-431, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1093/poq/nfs038>
17. LACHAT, Romain. *Measuring cleavage strength*. Montreal: University of Montreal, 2007.
18. LANGSAETHER, Peter Egge. Class voting and the differential role of political values: evidence from 12 West-European countries. *Journal of Elections, Public Opinion and Parties*, v. 29, n. 1, p. 125-142, jan. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1080/17457289.2018.1464015>
19. LATINOBARÓMETRO. Banco de Dados. 1995-2023. Disponível em: <https://www.latinobarometro.org/latContents.jsp>. Acesso em: 01 mar. 2021.
20. LIMONGI, Fernando; GUARNIERI, Fernando. Competição partidária e voto nas eleições presidenciais no Brasil. *Opinião Pública*, v. 21, n. 1, p. 60-86, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-019121160>
21. LIPSET, Seymour. Democracy and working-class authoritarianism. *American Sociological Review*, v. 24, n. 4, p. 482-501, ago. 1959. DOI: <https://doi.org/10.2307/2089536>
22. LIPSET, Seymour; ROKKAN, Stein. Cleavage structures, party systems, and voter alignments: an introduction. In: LIPSET, Seymour; ROKKAN, Stein (Eds.). *Party systems and voter alignments: cross-national perspectives*. Toronto: The Free Press, 1967. p. 1-64.
23. LUPU, Noam. Who votes for Chavismo? Class voting in Hugo Chávez's Venezuela. *Latin American Research Review*, v. 45, n. 1, p. 7-32, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1353/lar.0.0083>
24. MAINWARING, Scott; TORCAL, Mariano; SOMMA, Nicolás. The left and the mobilization of class voting in Latin America. In: CARLIN, Ryan; SINGER, Matthew; ZECHMEISTER, Elizabeth. *The Latin American voter: pursuing representation and accountability in challenging contexts*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2015. p. 69-98.
25. MANZA, Jeff; HOUT, Michael; BROOKS, Clem. Class voting in capitalist democracies since World War II: dealignment, realignment, or trendless fluctuation? *Annual Review of Sociology*, v. 21, p. 137-162, 1995. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2083407>. Acesso em: 29 mar. 2024.
26. MUNDIM, Pedro Santos. Os impactos dos efeitos de priming na popularidade presidencial: o caso do segundo mandato de Lula. *Revista Latinoamericana de Opinión Pública*, v. 8, n. 9, p. 31-61, 2019. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/950/o/RLOP_8_2_2019_Mundim.pdf. Acesso em: 02 abr. 2024.

27. NICOLAU, Jairo; PEIXOTO, Vitor. Uma disputa em três tempos: uma análise das bases municipais das eleições presidenciais de 2006. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 31., 2007, Caxambu, MG. Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, 2007.
28. OLIVEIRA, Adriano. O lulismo e suas manifestações no eleitorado. *Revista Debates*, v. 5, n. 1, p. 115-138, jan.-jun. 2011. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-5269.20412>
29. PRZEWORSKI, Adam. *Capitalism and social democracy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
30. PRZEWORSKI, Adam; SPRAGUE, John. *Paper stones: a history of electoral socialism*. Chicago: The University of Chicago Press, 1986.
31. RENNÓ, Lúcio; CABELLO, Andrea. As bases do lulismo: a volta do personalismo, realinhamento ideológico ou não alinhamento? *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 25, n. 74, p. 39-60, jun. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092010000300003>
32. RENNÓ, Lúcio; TURGEON, Mathieu. A psicologia política das classes sociais no Brasil: atributos das atitudes políticas por estratificação e mobilidade social. *Dados*, v. 59, n. 1, p. 11-51, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/00115258201670>
33. RIBEIRO, Antonio Carlos; CARVALHARES, Flávio. Estratificação e mobilidade social no Brasil: uma revisão da literatura na sociologia de 2002 a 2018. In: CAMPOS, Luiz Augusto; CHAGURI, Mariana; FLEURY, Lorena. *Ciências sociais hoje: sociologia*. São Paulo: Zeppelini Publishers, 2020. p. 17-61.
34. RIBEIRO, Antonio Carlos; ISRAEL, Vinícius Pinheiro. Voto assimétrico, classes e mobilidade social no Brasil. *Tempo Social*, v. 28, n. 2, p. 105-130, ago. 2016. DOI: <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2016.110049>
35. RIBEIRO, Gustavo César Macêdo. *Classes sociais e eleições presidenciais no Brasil contemporâneo*. 2014. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.
36. RICCI, Rudá. Lulismo: três discursos e um estilo. *Lutas Sociais*, n. 15/16, p. 171-183, jan./jun. 2006. DOI: <https://doi.org/10.23925/ls.v0i15/16.18849>
37. RUEDA, David. Insider-outsider politics in industrialized democracies: the challenge to social democratic parties. *American Political Science Review*, v. 99, n. 1, p. 61-74, fev. 2005. DOI: <https://doi.org/10.1017/S000305540505149X>
38. SANTOS, José. Comprehending the class structure specificity in Brazil. *South African Review of Sociology*, v. 41, n. 3, p. 24-44, out. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1080/21528586.2010.516119>
39. SANTOS, José. Posições de classe destituídas no Brasil. In: SOUZA, Jessé. *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009. p. 463-478.
40. SARTORI, Giovanni. From the sociology of politics to political sociology. *Government and Opposition*, v. 4, n. 2, p. 195-214, abr. 1969. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1477-7053.1969.tb00173.x>
41. SCALON, Celi; SALATA, André. Uma nova classe média no Brasil da última década? O debate a partir da perspectiva sociológica. *Sociedade e Estado*, v. 27, n. 2, p. 387-407, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922012000200009>
42. SINGER, André. *O Lulismo em crise: um quebra-cabeça do período Dilma (2011-2016)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
43. SINGER, André. Quatro notas sobre as classes sociais nos dez anos do lulismo. *Psicologia USP*, v. 26, n. 1, p. 7-14, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564D20140012>
44. SINGER, André. *Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
45. SINGER, André. Raízes sociais e ideológicas do lulismo. *Novos estudos*, n. 85, p. 83-102, nov. 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-33002009000300004>

46. SINGER, Paul. Dominação e desigualdade: estrutura de classe e repartição da renda no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
47. SOARES, Gláucio. The Brazilian political system: new parties and old cleavages. *Luso-Brazilian Review*, v. 19, n. 1, p. 39-66, 1982. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3513472>. Acesso em: 03 abr. 2024.
48. SOARES, Gláucio; VALLE SILVA, Nelson. Urbanization, race and class in Brazilian politics. *Latin-American Research Review*, v. 22, n. 2, p. 155-176, 1987. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0023879100022081>
49. SOARES, Gláucio; TERRON, Sônia. As bases eleitorais de Lula e do PT: do distanciamento ao divórcio. *Opinião Pública*, v. 16, n. 2, p. 310-337, nov. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-62762010000200002>
50. SOARES, Gláucio; TERRON, Sônia. Dois Lulas: a geografia eleitoral da reeleição (explorando conceitos, métodos e técnicas de análise geoespacial). *Opinião Pública*, v. 14, n. 2, p. 269-301, nov. 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-62762008000200001>
51. ZINGHER, Joshua. On the measurement of social class and its role in shaping white vote choice in the 2016 U.S. presidential election. *Electoral Studies*, v. 64, p. 1-7, abr. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.electstud.2020.102119>
52. WEAKLIEM, David L.; ADAMS, Julia. What do we mean by “class politics”? *Politics & Society*, v. 39, n. 4, p. 475-495, dez. 2011. Disponível em: <https://sociology.yale.edu/publications/what-do-we-mean-class-politics>. Acesso em: 03 abr. 2024.
53. WRIGHT, Erik O. *Class counts: comparative studies in class analysis*. Student edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
54. WRIGHT, Erik O. *Classes*. Londres: Verso, 1985.
55. ZUCCO JUNIOR, César. When payouts pay off: conditional cash transfers and voting behavior in Brazil 2002-10. *American Journal of Political Science*, v. 57, p. 810-822, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1111/ajps.12026>
56. ZUCCO JUNIOR, César; SAMUELS, David. Lulismo, Petismo, and the future of Brazilian Politics. *Journal of Politics in Latin America*, v. 6, n. 3, p. 129-158, 2014. Disponível em: <https://journals.sub.uni-hamburg.de/giga/jpla/article/download/796/796-826-1-PB.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2024.

Submissão em 14 de abril de 2023.

Aceito em 08 de novembro de 2023.



APÊNDICE METODOLÓGICO

Variável / Questão Original	Códigos Latinobarómetro (2010)	Categorias / Escala (Originais)	Categorias / Escala (Recodificadas)
Avaliação Lula	P80ST_4	0 (Muito Má) – 10 (Muito Boa)	–
Qual sua situação ocupacional atual? Qual sua situação ocupacional atual? (Chefes de Família)	S16a(2010) S24a(2010)	(1) Independente/Conta Própria (2) Assalariado em emp. Pública (3) Assalariado em emp. Privada (4) Atualmente não trabalha (5) Aposentado / Pensionista (6) Responsável pelo cuidado da casa (7) Estudante	Classes Médias Classe Trabalhadora Subproletariado
Que tipo de trabalho você faz? Que tipo de trabalho você faz? (Aposentados) Que tipo de trabalho você faz? (Chefes de Família)	S17(2010) S16b(2010) S25(2010)	(1) Profissional Independente (2) Dono de Negócio (3) Agricultor / Pescador (4) Trabalhador por Conta Própria / Ambulante (5) Profissional Assalariado (6) Alto Executivo (7) Executivo de Mando Médio (8) Outro Empregado	
Sexo	S7(2010)	Masc; Fem	Masc (0); Fem (1)
Região	reg(2005–2010)	Norte; Nordeste; Sul; Sudeste; Centro-Oeste	Outras (0); Nordeste (1)
Religião	S9(2010)	–	Católicos (1); Evangélicos (2); Outras (3)
Idade	Edad (2005–2010)	–	–
Raça	S20(2010)	(1) Asiático (2) Negro (3) Indígena (4) Mestiço (5) Mulato (6) Branco (7) Outra raça	Outras (0); Branca(1)
Partido ao qual se sente mais próximo (2010)	P32N_A	(301) PT	Outros(0); PT (1)
Quantidade de dias nos quais busca informação política pela TV	P78ST/N	–	–